
Artigo original

Volume 75, 2023, e005

O MÉTODO E A PRÁTICA DO SPEED DATING

Vicente Cassepp-Borges¹ (0000-0001-8742-3097 |

<http://lattes.cnpq.br/4277093947750150>)

¹ Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda

Correspondência: Vicente
Cassepp-Borges,
cassepp@gmail.com

Como citar: Cassepp-Borges, V. (2023). O método e a prática do speed dating. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 75, e005.
<https://doi.org/10.36482/abp.v75i1.20693>



RESUMO

O *speed dating*, uma modalidade de evento social onde solteiros tem encontros breves e cronometrados entre si, vem crescendo internacionalmente como uma forma de conhecer futuros pretendentes. Entretanto, nenhuma publicação científica abordando o *speed dating* foi encontrada no Brasil ou em língua portuguesa. Este estudo teve como objetivo apresentar o *speed dating* aos profissionais e à comunidade científica. Com relação à sua organização, deve-se esforçar-se ao máximo para que a experiência dos participantes seja o mais agradável possível. Com relação a análises de dados, recomenda-se que o pesquisador trabalhe com três diferentes bancos de dados, na forma individual, diádica e *pairwise*. O modelo das relações sociais é o método recomendado para os estudos, por considerar os diversos tipos de interação entre os participantes. Por ser um método com grande controle experimental, facilidade de inserir instrumentos de medida e por possibilitar a análise de diversas preferências dos participantes, recomenda-se o *speed dating* como técnica de investigação da iniciação aos relacionamentos.

PALAVRAS-CHAVE:

Atratividade; Relacionamentos Amorosos; Iniciação aos Relacionamentos; Análise de Dados Diádicos.

EL MÉTODO Y LA PRÁCTICA DE LAS CITAS RÁPIDAS

ABSTRACT

Speed dating, a type of social event where singles have brief, and timed meetings with each other, has been growing internationally as a way to meet future suitors. However, no scientific publication addressing speed dating has been found in Brazil or in Portuguese language. This study aimed to introduce speed dating to professionals and the scientific community. Regarding the organization, promoters should do their best to make the participants' experience as pleasant as possible. Regarding to data analysis, it is recommended to work with three different databases, individual, dyadic and pairwise. The social relations model is the recommended method for studies, considering the different types of interaction between participants. As it is a method with great experimental control, it is easy to insert measuring instruments and it allows the analysis of different preferences of the participants, speed dating is recommended as an investigation technique for relationships initiation.

KEYWORDS:

Attractiveness; Romantic Relationships; Relationship Initiation; Dyadic Data Analysis.

EL MÉTODO Y LA PRÁCTICA DE LAS CITAS RÁPIDAS

RESUMEN

Las citas rápidas, un tipo de evento social donde los solteros tienen encuentros breves y cronometrados entre sí, han crecido internacionalmente como una forma de conocer a futuros pretendientes. Todavía, no se ha encontrado ninguna publicación científica sobre citas rápidas en Brasil o en portugués. Este estudio tuvo como objetivo introducir citas rápidas a profesionales y la comunidad científica. Con respecto a su organización, se debe hacer todo lo posible para que la experiencia de los participantes sea lo más agradable posible. Con respecto al análisis de datos, se recomienda que el investigador trabaje con tres bases de datos diferentes, en las formas individual, diádica y *pairwise*. El modelo de relaciones sociales es el método recomendable para los estudios, ya que considera los diferentes tipos de interacción entre los participantes. Como tiene control experimental, es fácil de insertar instrumentos de medición y permite el análisis de diferentes preferencias de los participantes, se recomiendan las citas rápidas como técnica de investigación del inicio de las relaciones.

PALABRAS CLAVE:

Atractividad; Relaciones amorosas; Iniciación a las relaciones; Análisis de datos diádicos.

Informações do Artigo:

Recebido em: 28/05/2020

Aceito em: 21/05/2024

O método e a prática do *speed dating*.

O *speed dating* é um evento no qual diversos participantes solteiros têm encontro curtos e cronometrados entre si, com o objetivo de conhecer possíveis parceiros(as). Essa modalidade de relacionamentos ainda é pouco explorada no Brasil, mas vem ganhando relevância internacional, sobretudo nos Estados Unidos. Embora já existam empresas brasileiras explorando comercialmente o *speed dating* (por exemplo, <http://www.cupidolouco.com.br/>, <http://www.speeddatingbrasil.com.br>), no dia 11 de março de 2020 não foram encontrados artigos sobre o tema nas bases de dados *SciELO* Brasil, PePsic e Index-Psi (Divulgação Científica, Periódicos Técnico-Científicos, Livros e Teses), utilizando tanto os termos “*speed dating*” como “namoro rápido” nas buscas. Mesmo assim, seguindo a tendência internacional, acredita-se que a popularidade do *speed dating* deva crescer no Brasil, considerando ainda a popularidade de aplicativos de relacionamento no país (Cassepp-Borges & De Lana, 2019), que no fundo são uma forma *on line* de realizar o *speed dating* (Cassepp-Borges, 2016). O *speed dating* é uma forma interessante para quaisquer pessoas solteiras encontrarem parceiros(as) amorosos. Entretanto, as pessoas com elevada motivação para a evitação são menos propensas a participar de eventos de *speed dating*, enquanto pessoas com motivação para a aproximação tem maiores probabilidades de participar (Nikitin et al., 2019).

O objetivo deste estudo é apresentar o *speed dating* para profissionais e pesquisadores de Psicologia. Serão apresentados conceitos básicos, como a descrição e formas de organização. Posteriormente, este estudo discutirá aspecto técnicos, incluindo a organização do banco de dados e técnicas de análise como o *Social Relations Model*.

O que é o *speed dating*?

Como começar um relacionamento? Essa é uma pergunta que é feita por diversas pessoas solteiras e também por pesquisadores. Entretanto, é muito difícil para a ciência estar *in loco* no momento em que ocorre a atração inicial ou o “amor à primeira vista”. O paradigma do *speed*

dating tem sido o mais utilizado na compreensão dessa iniciação aos relacionamentos, pois ele permite que isso seja estudado no momento exato em que acontece (Eastwick & Finkel, 2008).

O *speed dating* surgiu no final da década de 1990, criado pela rabino Yaacov Deyo, que formulou o método como uma maneira de ajudar a unir casais entre a comunidade judia de Los Angeles da maneira mais eficiente possível (Finkel & Eastwick, 2008). Depois de realizado o primeiro evento, a ideia se espalhou pelos Estados Unidos rapidamente. Deyo tentou inclusive patentear o *speed dating*, mas percebeu que a ideia já havia saído de controle e se tornado praticamente de domínio público (Kennedy, 2013). Yaacov ainda é autor de uma obra sobre o *speed dating*, juntamente com sua esposa, Sue (Deyo & Deyo, 2002).

O *speed dating*, então, cresceu exponencialmente como área de pesquisa e se tornou cada vez mais popular entre os participantes (Ackerman et al., 2015). Ele ainda se tornou um negócio milionário, movimentando milhares de indivíduos e sendo tema de séries de TV como “*Sex and the City*” e filmes como “O virgem de 40 anos” e “Hitch: conselheiro amoroso” (Finkel et al., 2007). Participar de um evento de *speed dating* pode ser comparado a uma saída noturna para procurar um(a) parceiro(a) ideal. Entretanto, pode-se elencar diversas vantagens, como a certeza de que as pessoas que estão lá de fato estão procurando por um relacionamento, uma resposta sem ambiguidade sobre o interesse da pessoa com quem foi realizado o encontro e a curta duração de um encontro indesejado (Finkel & Eastwick, 2008).

Embora possam haver diversas variações, um modelo prototípico de *speed dating* pode ser organizado com 10 homens e 10 mulheres. Os homens e as mulheres são dispostos em um círculo de maneira que cada homem fique frente a frente com uma mulher. A eles, é dado o tempo de 5 minutos para que possam conversar livremente e se conhecer melhor. Expirado esse tempo, os participantes preenchem um questionário sobre esse encontro e suas impressões sobre a outra pessoa. Após isso, todos os homens pulam para a cadeira à sua direita, para que possam repetir o processo com a próxima mulher participante. O evento termina quando todos os homens tiverem

conversado com todas as mulheres, bem como todas as mulheres tenham conversado com todos os homens. O organizador ficará responsável por reunir as informações dos encontros em que ambas as pessoas sentiram-se atraídasumas pelas outras, fornecendo-as para os participantes para que eles possam entrar em contato um com o outro e prosseguir com o relacionamento (Palumbo, 2019; Zimmerman & Forlizzi, 2017).

Entretanto, diversas configurações são possíveis. O tempo para que cada um possa conhecer o outro pode ser maior ou menor, o número de participantes pode ser maior ou menor, não é necessário haver igual número de homens e mulheres, nem mesmo é necessário que os participantes sejam heterossexuais. Pode haver ou não a aplicação de questionários de autorrelato, podendo variar em seu conteúdo e variáveis de interesse. O evento pode ocorrer em qualquer horário, não necessariamente à noite. O tipo de ambiente também pode ser o mais variado possível (por exemplo, uma igreja, uma universidade, um restaurante ou uma casa noturna).

Deyo e Deyo (2002) sugerem algumas recomendações importantes para quem vai organizar o *speed dating*, que podem ser passadas aos participantes. As sugestões incluem não fazer perguntas sobre o local onde a pessoa vive e sobre o seu trabalho. Também não se deve deixar clara a intenção de escolher ou não a pessoa durante a conversa, para que o papo flua mais espontaneamente. Pelo mesmo motivo, também não é recomendada a troca de telefones, *e-mails*, e outras formas de contato durante a conversa. Algumas regras de etiqueta são importantes de serem seguidas, como impedir participantes de pular um encontro com alguém (é desagradável para a outra pessoa ficar esperando enquanto os outros estão conversando) e identificar participantes que foram rudes desrespeitosos e/ou mal-educados, para não os chamar aos próximos eventos. A rejeição é o momento mais doloroso da iniciação aos relacionamentos e aumentar esses sentimentos nos outros é um comportamento indelicado.

Com relação à organização do evento, Deyo e Deyo (2002) sugerem que as mulheres permaneçam sentadas no mesmo lugar enquanto os homens giram, numa tentativa de reproduzir o

que geralmente se observa no comportamento de corte humano (o homem “correndo” atrás da mulher). As mesas devem estar afastadas umas das outras, para favorecer a interação de quem está se encontrando e evitar a distração com as mesas vizinhas. O preenchimento da resposta à pergunta de se o participante desejava sair novamente com a pessoa com quem conversou deve ser feito imediatamente após o encontro, para não confundir e evitar um aspecto comparativo daquele encontro com os demais. Todas essas regras e sugestões são feitas com o intuito de tornar a experiência agradável para todos os participantes, independente do sucesso com as paqueras, mas que podem ser adaptadas pelo(as) organizador(es) do evento de acordo com a sua conveniência.

O *speed dating* é um método de pesquisa muito poderoso para compreender a iniciação aos relacionamentos. As vantagens de usá-lo como método são muitas. Ele permite testar relacionamentos reais no seu início e com um potencial futuro. Esse método coleta dados sobre as duas pessoas que estão interagindo. É realizado sob um controle experimental proporcionando, inclusive, a manipulação de variáveis. Oferece ao participante diversas opções, permitindo que se analise suas preferências. Tem a possibilidade de conhecer algumas características dos participantes antes das intervenções do estudo, com a aplicação de questionários antes do início do evento, por exemplo. Pode-se extrair dados objetivos, como questionários psicométricos, e subjetivos, como a gravação das conversas, dos participantes. Por fim, cabe mencionar que os participantes podem ser estudados depois de iniciado o relacionamento, por meio de *follow ups* (Eastwick & Finkel, 2008).

O *speed dating* facilita muito a relação entre diversos tipos de pessoas. Pode-se citar, por exemplo, o estudo de Whitham (2014), que utilizou o *speed dating* como forma de aproximar pessoas dentro do espectro autista. Os resultados indicaram que em um terço dos casais formados no evento progrediram para uma troca de mensagens eletrônicas e um encontro físico, resultado similar ao encontrado em eventos com pessoas típicas. Autistas têm reconhecidamente uma maior dificuldade de iniciar os relacionamentos, sendo essa técnica de grande valia para essa população específica.

Embora sua utilização principal ainda seja na área de relacionamentos, variações do *speed dating* podem ser utilizadas para diversas outras finalidades. Por exemplo, ele pode ser utilizado para que pessoas interajam com diversas possibilidades de foco na carreira para a escolha de um deles (Sullivan et al., 2011). Um outro estudo utilizou o paradigma para parear os residentes de uma faculdade de medicina com professores com os quais eles estabeleceriam uma relação de orientação (Berquist et al., 2010). Nessa mesma linha, a Inglaterra entendeu que refugiados poderiam atuar na medicina desde que com uma tutoria de um médico inglês. Esses refugiados foram pareados com seus tutores por meio de um *speed dating* (Arie, 2017). O *speed dating* também foi utilizado como um exercício de sala da aula, para que os alunos fossem introduzidos à teorias de como se apresentar ao próximo (Larson & Tsitsos, 2012). Ainda no contexto educacional, o método se mostrou efetivo na criação de equipes com a finalidade de elaborar uma tarefa em conjunto para o final do semestre (Curșeu et al., 2010). Outra utilização foi a de farmacêuticos para ajudar a encontrar remédios adequados a um sintoma (Walker & McPherson, 2017, 2018).

A problemática do banco de dados

Para compreender os escores oriundos de eventos de *speed dating*, é bastante útil o entendimento da análise de dados diádicos (De Andrade et al., 2017; Kenny et al., 2006). Entretanto, estamos lidando com um modelo mais complexo. Enquanto na análise de dados diádicos cada homem se relaciona com apenas uma mulher e vice-versa, em uma análise de *speed dating* todos os homens interagem com todas as mulheres e vice-versa, criando uma rede de interrelações. Entretanto, entender a estrutura de uma base de dados diádicos nos ajuda a entender uma base de dados de um *speed dating*.

Não existe apenas uma maneira de criar esse banco de dados, mas várias. O mais adequado é que o pesquisador trabalhe com três bancos de dados ao mesmo tempo, escolhendo o banco de dados a ser utilizado a partir da análise desejada. As Tabelas 1, 2 e 3 apresentam uma comparação de um banco de dados diádicos, baseados no artigo de De Andrade et al. (2017), com um banco de

dados para *speed dating*. Elas representam, respectivamente, uma estrutura individual, diádica e *pairwise*.

Todas as bases de dados de *speed dating* possuem a variável evento. Nesse exemplo, existe apenas um único evento, mas poderiam haver múltiplos, sendo codificados como 1, 2, 3 ,4 e assim por diante. A variável V1 é uma variável binária, propositadamente incluída nesse exemplo porque é comum a presença de uma variável desse tipo. Essa variável pode representar perguntas como “você gostaria de sair com essa pessoa?”, você gostaria de trocar contato com essa pessoa?”, “você se interessou por essa pessoa?”, “você gostaria de namorar com essa pessoa?”, etc. Caso ambas as pessoas que se encontraram respondam sim (“S”) a esta variável, a variável “*match*” é preenchida com “S” (“sim”). Caso uma ou as duas pessoas respondam não (“N”), a variável “*match*” é preenchida com “N” (“não”). A variável V2 é uma variável escalar. Ela pode refletir quaisquer coisas que se avaliem de maneira escalar em um *speed dating*. Pode ser atratividade, inteligência, personalidade, nível socioeconômico, dentre outras. Pode ser tanto um valor que o participante atribui para si mesmo (incluindo questionários de autorrelato) como um valor que o participante atribui para a pessoa com quem teve o encontro. Pode ser ainda uma variável relativa à interação (por exemplo, o quanto que a conversa fluiu, o quanto que foi agradável, etc.).

Outra característica importante dos bancos de dados diádicos e do *speed dating* é a presença de um participante identificado como “ator” (“actor” – “A”) e de outro identificado como “parceiro” (“partner” – “P”). O ator é aquele sujeito que provoca a interação, enquanto o parceiro é quem sofre. Todavia, um mesmo participante pode ser identificado tanto como ator como parceiro em um mesmo banco de dados.

A Tabela 1 é um exemplo de uma base de dados com estrutura individual. Nela, cada linha representa um participante, como na construção de bases de dados convencionais. Entretanto, no caso de uma base de dados diádica, ao lado da informação de cada indivíduo, é acrescentada tanto a informação dele próprio com de seu(sua) parceiro(a) de diáde. No caso de um banco de dados de

um *speed dating*, a lógica é a mesma. Mas, o maior número de interações seja necessário um maior número de variáveis. Como nos eventos heterossexuais não existe interação entre pessoas do mesmo sexo, metade do banco de dados ficará em branco (*missing*), sendo considerada uma planilha do *design* de blocos. Caso houvesse interação entre todos(as) os(as) participantes, como nos eventos homossexuais, a base de dados seria inteiramente preenchida e o *design* seria chamado de *round-robin* (Kenny, 1994). O design *round-robin* também é conhecido como “todos contra todos”, sendo utilizado nas principais competições esportivas do mundo.

Outra característica desta maneira de estruturar os dados é que cada informação aparece duas vezes na planilha. No caso da análise diádica, se o participante for homem, ele terá suas próprias informações nas variáveis referentes ao ator e as informações de sua mulher nas variáveis subsequentes, referentes ao parceiro. Na linha a seguir, a mulher é a participante, sendo que as informações a respeito do parceiro agora serão tratadas como informação do ator, ao mesmo tempo em que as informações que na linha anterior se referiam ao ator agora serão informações referentes ao parceiro. É importante que cada variável (coluna) contenha ou dados dos participantes homens ou dados das participantes mulheres. O mesmo acontece numa base de dados de *speed dating*. Por exemplo, o participante 1 atribuiu nota 5 na variável V2 para a participante 4, ao mesmo tempo em que a participante 4 atribuiu nota 4 para o participante 1 na mesma variável V2. Esta informação pode ser observada tanto na linha referente ao participante 1 quanto na linha referente à participante 4, invertendo-se o que se refere a ator e a parceiro.

A última maneira de estruturar um banco de dados é chamado de *pairwise*. Essa maneira é uma mistura da forma individual com a diádica. Na Tabela 3, cada linha representa uma diáde ou uma interação no *speed dating*. Entretanto, cada interação ou diáde aparece duas vezes. Em uma delas, o homem é o ator e a mulher é o parceiro. Na outra, a mulher é o ator e o homem é o parceiro.

Tabela 1

Exemplo comparativo de estrutura de base de dados para análise diádica e para a análise de speed dating na forma individual

		Análise diádica						
Díade	Participante	Sexo		V1_A	V1_P	V2_A	V2_P	
1	1	M	4	5	3	4		
1	2	F	3	4	4	5		
2	3	M	5	3	2	5		
2	4	F	2	5	5	3		
3	5	M	3	3	4	5		
3	6	F	4	5	3	3		
Análise de Speed dating								
Evento	Participante	Sexo	V1_A_P1	V2_A_P1	V1_P1_A	V2_P1_A	Match_P1	
			V1_A_P2	V2_A_P2	V1_P2_A	V2_P2_A	Match_P2	
1	1	M			V1_A_P3	V2_A_P3		
1	2	M			V1_P3_A	V2_P3_A		
1	3	M			Match_P3	Match_P4		
1	4	F	S	4	S	5	N	S
1	5	F	S	4	S	N	3	S
1	6	F	N	3	N	2	N	N

Nota. V = Variável; A = Ator; P = Parceiro; Sexo: M = Masculino, F = Feminino; V1 e Match: S = Sim, N = Não

Outra forma de estruturar a base de dados é a partir da forma diádica (Tabela 2). Nesse tipo de estrutura, cada linha não representa mais um participante, mas representa uma interação. No caso de pesquisas de casais, a interação envolve os dados dos dois membros da diáde em cada linha. No caso do *speed dating*, cada linha representa uma interação diferente. Dessa maneira, como cada participante interagiu com três pessoas no exemplo, cada participante irá aparecer em três linhas da planilha de dados. Decidiu-se chamar de ator o participante do sexo masculino e de parceira a participante do sexo feminino, mas nada impede que seja o contrário. É importante que variáveis referentes tanto ao ator quanto ao parceiro representem sempre participantes do mesmo sexo.

Tabela 2

Exemplo comparativo de estrutura de base de dados para análise diádica e para a análise de speed dating na forma diádica

Análise diádica						
Díade	Sexo_A	V1_A	V2_A	Sexo_P	V1_P	V2_P
1	M	4	5	F	3	4
2	M	5	3	F	2	5
3	M	3	3	F	4	5

Análise de speed dating								
Evento	Díade	Sexo_A	V1_A	V2_A	Sexo_P	V1_P	V2_P	Match
1	1-4	M	S	5	F	S	4	S
1	1-5	M	S	5	F	N	3	N
1	1-6	M	S	4	F	S	5	S
1	2-4	M	S	4	F	S	4	S
1	2-5	M	N	5	F	N	3	N
1	2-6	M	N	3	F	S	5	N
1	3-4	M	N	2	F	N	3	N
1	3-5	M	N	3	F	N	3	N
1	3-6	M	S	5	F	S	5	S

Nota. V = Variável; A = Ator; P = Parceiro; Sexo: M = Masculino, F = Feminino; V1 e Match: S = Sim, N = Não

Tabela 3

Exemplo comparativo de estrutura de base de dados para análise diádica e para a análise de speed dating na forma pairwise

Análise diádica						
Díade	Sexo_A	V1_A	V2_A	Sexo_P	V1_P	V2_P
1	M	4	5	F	3	4
1	F	3	4	M	4	5
2	M	5	3	F	2	5
2	F	2	5	M	5	3
3	M	3	3	F	4	5
3	F	4	5	M	3	3

Análise de speed dating								
Evento	Díade	Sexo_A	V1_A	V2_A	Sexo_P	V1_P	V2_P	Match
1	1-4	M	S	5	F	S	4	S
1	4-1	F	S	4	M	S	5	S
1	1-5	M	S	5	F	N	3	N
1	5-1	F	N	3	M	S	5	N
1	1-6	M	S	4	F	S	5	S
1	6-1	F	S	5	M	S	4	S
1	2-4	M	S	4	F	S	4	S
1	4-2	F	S	4	M	S	4	S
1	2-5	M	N	5	F	N	3	N
1	5-2	F	N	3	M	N	5	N
1	2-6	M	N	3	F	S	5	N
1	6-2	F	S	5	M	N	3	N
1	3-4	M	N	2	F	N	3	N
1	4-3	F	N	3	M	N	2	N
1	3-5	M	N	3	F	N	3	N
1	5-3	F	N	3	M	N	3	N
1	3-6	M	S	5	F	S	5	S
1	6-3	F	S	5	M	S	5	S

Nota. V = Variável; A = Ator; P = Parceiro; Sexo: M = Masculino, F = Feminino; V1 e Match: S = Sim, N = Não

Mesmo com poucos participantes e poucas variáveis, os bancos de dados podem tomar enormes proporções. O tamanho de um banco de dados de um *speed dating* cresce

exponencialmente, conforme o número de participantes. Embora com apenas seis participantes, a forma *pairwise* (Tabela 3) desse banco de dados possui 18 linhas. A Tabela 4 apresenta o número de linhas que deve ter uma base de dados de acordo com o número de participantes do *speed dating*, mostrando esse crescimento exponencial. Cabe salientar que, embora o número de participantes seja igual ao número de linhas em uma base de dados individual, essa base também pode ser enorme, devido ao seu elevado número de variáveis (Tabela 1). Um exemplo real é um estudo liderado por pesquisadores da *Columbia University Graduate School of Business*, com um total de 278 homens e 276 mulheres em 21 eventos de *speed dating* diferentes, gerando estudos sobre preferências raciais (Fisman et al., 2008) e de gênero (Fisman et al., 2006). O banco de dados, com estrutura *pairwise*, possui um total de 8378 linhas (Fisman & Iyengar, 2017), o que dificulta inclusive o seu processamento computacional. O que se quer demonstrar com isso é que, mesmo lidando com poucos sujeitos e poucas variáveis, um pesquisador do *speed dating* terá de trabalhar com muitos dados.

Modelos de análise estatística

Várias análises podem ser feitas a partir de eventos de *speed dating*. O primeiro tipo de análise a ser feita são as análises descritivas. Entretanto, é importante que o pesquisador tenha em mente qual banco de dados utilizar, para diferentes análises descritivas. É possível fazer uma média da variável V2_A em qualquer um dos bancos de dados. Entretanto, dependendo do tipo de fonte utilizada, essa média é interpretada de maneira diferente. Na estrutura individual (Tabela 1), essa variável está separada para cada indivíduo, sendo que a média da variável V2_A_P1 indica a média atribuída pelas mulheres nessa variável ao participante 1. Na estrutura diádica (Tabela 2), a média da variável V2_A indica a média da nota atribuída por todos os homens a todas as mulheres na variável V2. Caso quiséssemos saber a média das notas atribuídas pelas

Tabela 4

Número de linhas por tipo de estrutura de base de dados

Total de participantes (metade de cada sexo)	Número de linhas na estrutura da base de dados		
	Individual	Diádica	Pairwise
4	4	4	8
6	6	9	18
8	8	16	32
10	10	25	50
12	12	36	72
14	14	49	98
16	16	64	128
18	18	81	162
20	20	100	200
22	22	121	242
24	24	144	288
26	26	169	338
28	28	196	392
30	30	225	450
32	32	256	512
34	34	289	578
36	36	324	648
38	38	361	722
40	40	400	800
42	42	441	882
44	44	484	968
46	46	529	1058
48	48	576	1152
50	50	625	1250
...
<i>N</i>	<i>N</i>	$n_{(\text{homens})} \times n_{(\text{mulheres})}$	$(n_{(\text{homens})} \times n_{(\text{mulheres})}) \times 2$

mulheres aos homens, deveríamos usar a variável V2_P. Por fim, numa análise a partir da estrutura pairwise (Tabela 3), a média da variável V2_A indica a média de nota que todos os participantes atribuíram a todos os participantes na variável V2. O valor dessa média é exatamente igual ao valor da média na variável V2_P.

Com relação a modelos mais complexos, o *Actor Partner Interdependence Model (APIM)* é bastante usado para análises diádicas (De Andrade et al., 2017; Kenny et al., 2006). Nesse modelo, é esperado que quaisquer variáveis estudadas (por exemplo, amor, satisfação com o relacionamento, personalidade, inteligência, etc.) sejam correlacionadas entre membros de uma diáde. No caso do *speed dating*, essa correlação não deve ocorrer, pois a interação entre os participantes se dá de maneira aleatória. Portanto, não há uma relação de interdependência. Mesmo sem essa relação, é importante salientar que o modelo é mais complexo, pois todos os participantes interagem com todos os participantes do sexo oposto.

A abordagem que mais vem tendo destaque é o Modelo das Relações Sociais (*Social Relations Model*), (Back & Kenny, 2010; Kenny, 1994; Malloy, 2018; Malloy & Kenny, 1986). O modelo consiste em entender todas possíveis fontes que afetem uma percepção de um sujeito. Por exemplo, um homem pode achar que uma mulher é atraente no evento. Essa opinião é associada a diversos fatores, como (a) o quanto que naquele evento todos os homens acham que todas as mulheres são atraentes (constante), (b) o quanto que aquele homem acha que todas as mulheres são atraentes (ator), (c) o quanto aquela mulher em específico é considerada atraente pelos outros homens (parceiro), (d) além de características específicas da interação entre aquele homem e aquela mulher (relação). Toda essa diversidade de fontes que alimentam a percepção dos participantes são elementos de uma equação, além do (e) erro de medida (Kenny, 1994).

Esse modelo se torna mais complexo ainda porque não contempla apenas elementos da percepção direta dos participantes pelos outros, mas também elementos de meta-percepção, ou seja, elementos sobre a percepção da percepção. Assim, devem ser incluídos no Modelo das Relações Sociais elementos como (f) o nível médio de como todos os homens acham que são avaliados como atraentes por todas as mulheres (constante), (g) o quanto aquele homem em

específico acha que é avaliado como atraente por todas as mulheres (ator), (h) o quanto que todas as mulheres acreditam que aquele homem em específico está vendo todas as mulheres como atraentes (parceiro), (i) o grau com que aquele homem em específico acredita que aquela mulher em específico o vê como atraente (relação), além de (j) um erro de medida da meta-percepção (Kenny, 1994). Embora esse exemplo tenha descrito a percepção de um homem sobre uma mulher, devemos considerar que um *speed dating* é um evento com vários homens e várias mulheres percebendo a si próprios e percebendo todos os membros do sexo oposto. Portanto, são múltiplos os elementos a serem estimados na avaliação.

Para lidar com o Modelo das Relações Sociais, existem duas principais abordagens: a das equações estruturais e a da modelagem multinível. A utilização das equações estruturais é recomendada quando dentro do modelo existe alguma relação entre participantes, como no caso de membros de uma mesma família. Para o caso do *speed dating*, no qual os participantes são agrupados de maneira aleatória, é recomendado o uso de modelagem multinível (Ackerman et al., 2015). Entre os softwares existentes para analisar esse modelo, existem os pacotes para R denominados TripleR (Schönbrodt et al., 2012) ou fSRM (Stas et al., 2015). As análises também podem ser feitas com sintaxes para SPSS (Ackerman et al., 2015). Ainda existem as opções do *SOREMO*, para bases de dados *round-robin* (Kenny & Xuan, 2004), e do *BLOCKO*, para bases de dados em bloco (Kenny & Xuan, 2006).

Conclusão

O *speed dating* é um campo ainda inexplorado, que deve crescer no Brasil. Por tratar de relacionamentos, sentimentos e outras variáveis psicológicas, é um campo de trabalho que pode ser ocupado por psicólogos que trabalhem com a temática do amor. Um *speed dating* mais aprimorado se utiliza de avaliação psicológica, que é uma função privativa do psicólogo (Brasil,

1962). Portanto, ainda que o psicólogo possa não estar na liderança da organização, ele possui conhecimentos imprescindíveis caso queira-se fazer o evento com profissionalismo (Cassepp-Borges, 2016). A pesquisa também deve cada vez mais se aprimorar. Num futuro próximo, poder-se-á avaliar indicadores biológicos dos participantes durante o evento. Na verdade, pesquisas assim já estão acontecendo no presente (van der Meij et al., 2019).

Existem algumas limitações com relação a este procedimento. A generalização dos dados de um *speed dating* para toda e qualquer iniciação de um relacionamento amoroso pode ser equivocada. As pessoas iniciam seus namoros nas mais diferentes situações e começa-los através de um *speed dating* pode ser uma diferença marcante. Outra limitação é a de que as pessoas que participam do evento não necessariamente são representantes da população em geral. Enquanto algumas pessoas sentem-se empolgadas com esse tipo de evento, pagando quantias relevantes para participar, outras pessoas sentem desconfortáveis com essa forma de conhecer um(a) pretendente (Eastwick & Finkel, 2008). Mesmo assim, o *speed dating* tem muito potencial tanto como ferramenta de pesquisa quanto uma forma de iniciar um namoro.

Referências

- Ackerman, R. A., Kashy, D. A., & Corretti, C. A. (2015). A tutorial on analyzing data from speed-dating studies with heterosexual dyads. *Personal Relationships*, 22, 92-110.
<https://doi.org/10.1111/pere.12065>
- Arie, S. (2017). Speed dating for doctors: getting skilled refugees into NHS practice. *BMJ*, 359, j4868. <https://doi.org/10.1136/bmj.j4868>
- Back, M. D., & Kenny, D. A. (2010). The Social Relations Model: how to understand dyadic processes. *Social and Personality Psychology Compass*, 4(10), 855–870.
<https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2010.00303.x>
- Berquist, J. B., Carnes, M., Roach, M. A., & Vogelman, B. (2010). ‘Speed dating’ workshop to pair interns and researchers. *Medical Education*, 44(11), 1133-1134.
<https://doi.org/10.1111/j.1365-2923.2010.03806.x>
- Lei Nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, (1962). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4119.htm
- Cassepp-Borges, V. (2016). Psicólogo do amor: um profissional raro e necessário. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, A. R. Gomes, G. Couto, & V. Cassepp-Borges (Eds.), *Relações Interpessoais: Concepções e contextos de intervenção e avaliação* (Vol. 1, pp. 73-86). Vetor.
- Cassepp-Borges, V., & De Lana, É. (2019). Aplicativos de relacionamento. In A. Nunan & M. A. Penido (Eds.), *Relacionamentos Amorosos na Era Digital* (Vol. 1, pp. 35-48). Editora dos Editores.

Curșeu, P. L., Kenis, P., Raab, J., & Brandes, U. (2010). Composing effective teams through team dating. *Organization Studies*, 31(07), 873–894.

<https://doi.org/10.1177/0170840610373195>

De Andrade, A. L., Cassepp-Borges, V., Ferrer, E., & Sánchez-Aragón, R. (2017). Análises de dados diádicos: um exemplo a partir da pesquisa com casais. *Trends in Psychology*, 25(4), 1453-1470. <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-05>

Deyo, Y., & Deyo, S. (2002). *Speed Dating: The Smarter, Faster Way to Lasting Love*. William Morrow.

Eastwick, P. W., & Finkel, E. J. (2008). Speed-dating: a powerful and flexible paradigm for studying romantic relationship initiation. In S. Sprecher, A. Wenzel, & J. Harvey (Eds.), *Handbook of relationship initiation*. Psychology Press.

Finkel, E. J., & Eastwick, P. W. (2008). Speed-Dating. *Current Directions In Psychological Science*, 17(3), 193-197. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2008.00573.x>

Finkel, E. J., Eastwick, P. W., & Matthews, J. (2007). Speed-dating as an invaluable tool for studying romantic attraction: a methodological primer. *Personal Relationships*, 14, 149–166. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2006.00146.x>

Fisman, R., & Iyengar, S. (2017). *Speed Dating Experiment: what attributes influence the selection of a romantic partner?* <https://www.kaggle.com/annavictoria/speed-dating-experiment>

Fisman, R., Iyengar, S. S., Kamenica, E., & Simonson, I. (2006). Gender differences in mate selection: evidence from a speed dating experiment. *The Quarterly Journal of Economics*, 121(2), 673–697. <https://doi.org/10.1162/qjec.2006.121.2.673>

Fisman, R., Iyengar, S. S., Kamenica, E., & Simonson, I. (2008). Racial preferences in dating.

Review of Economic Studies, 75(1), 117–132. <https://doi.org/10.1111/j.1467-937X.2007.00465.x>

Kennedy, P. (2013, September 29, 2013). Who Made Speed Dating? *The New York Times*, 17-17.

<https://nyti.ms/1bfvc6R>

Kenny, D. A. (1994). *Interpersonal perception: a social relation analysis*. Guilford Press.

Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2006). *Dyadic data analysis*. The Guilford Press.

Kenny, D. A., & Xuan, Z. (2004). *WinSoReMo: software for social relations modeling*. In

<http://davidakenny.net/srm/srmp.htm>

Kenny, D. A., & Xuan, Z. (2006). *BLOCKO*. In <http://davidakenny.net/srm/srmp.htm>

Larson, J. A., & Tsitsos, W. (2012). Speed dating and the presentation of self: a teaching exercise in impression management and formation. *Teaching Sociology*, 41(3), 307–313.

<https://doi.org/10.1177/0092055X12466830>

Malloy, T. E. (2018). *Social relations modeling of behavior in dyads and groups*. Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-811967-9.00001-1>

Malloy, T. E., & Kenny, D. A. (1986). The Social Relations Model: an integrative method for personality research. *Journal of Personality*, 54(1), 199-225.

<https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1986.tb00393.x>

Nikitin, J., Gong, X., Schoch, S., & Freund, A. M. (2019). Social motives, attributions and expectations as predictors of the decision to participate in a speed-dating event.

Motivation and Emotion, 43, 610–624. <https://doi.org/10.1007/s11031-019-09762-0>

Palumbo, M. (2019). ¡A jugar! La energía emocional en los eventos de speed dating. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, 11(30), 35-46.

Schönbrodt, F. D., Back, M. D., & Schmukle, S. C. (2012). TripleR: an R package for social relations analyses based on round-robin designs. *Behavior Research Methods*, 44, 455–470. <https://doi.org/10.3758/s13428-011-0150-4>

Stas, L., Schönbrodt, F., & Loeys, T. (2015). Getting the Most Out of Family Data With the R Package fSRM. *Journal of Family Psychology*, 29(2), 263–275.
<https://doi.org/10.1037/fam0000058>

Sullivan, M., Childers, J., Buckholz, G., Yang, H., Nisco, M., Nowak, J., King, L., Merlin, J., & Lorenz, K. (2011). Career Speed Dating (518): Professionals in Training. *Journal of Pain and Symptom Management*, 41(1), 264-264.

<https://doi.org/10.1016/j.jpainsympman.2010.10.167>

van der Meij, L., Demetriou, A., Tulin, M., Méndez, I., Dekker, P., & Pronk, T. (2019). Hormones in speed-dating: The role of testosterone and cortisol in attraction. *Horm Behav*, 116, 104555. <https://doi.org/10.1016/j.ybeh.2019.07.003>

Walker, K., & McPherson, M. L. (2017). Love me “Tinder”: speed dating with the pharmacy ladies. *Journal of Pain and Symptom Management*, 53(2), 393-393.
<https://doi.org/j.jpainsympman.2016.12.178>

Walker, K., & McPherson, M. L. (2018). Speed dating with the pharmacy ladies: "PharmaOnly.com". *Journal of Pain and Symptom Management*, 55(2), 629-629.
<https://doi.org/10.1016/j.jpainsympman.2017.12.146>

Whitham, S. E. (2014). *Speed-dating with autism: initial romantic attraction among adults with Autism Spectrum Disorder* University of California, Los Angeles]. Los Angeles, CA.
<https://escholarship.org/uc/item/6kw0v3mf>

Zimmerman, J., & Forlizzi, J. (2017). Speed Dating: Providing a Menu of Possible Futures. *She Ji: The Journal of Design, Economics, and Innovation*, 3(1), 30-50.

<https://doi.org/10.1016/j.sheji.2017.08.003>